

Quarta-feira
14 de Outubro de 1998

Diário • Ano 9 n.º 3135
140\$00
IVA incluído

Director **José Manuel Fernandes**
Directores-adjuntos **Nuno Pacheco**
e **José Queirós**

Rua Agostinho Neto, Lts. 6/7 — 1750 LISBOA
Rua João de Barros, 265 — 4150 PORTO
Público na Internet: <http://www.publico.pt>
E-Mail: publico@publico.pt

PÚBLICO

edição LISBOA

PUBLICIDADE

Quanto é que você dava
para falar agora com
a sua chefe?



Ligue (0931) 12 75 e conheça
as novas tarifas Telecel.

Medidas contra a corrupção tinham sido propostas pela PJ em 1993

Guterres reciclou plano chumbado há cinco anos

páginas 8 e 9

As estradas da morte

No dia em que o Parlamento discute, por proposta do PCP, a sinistralidade no IP5 e um dia depois de o Governo ter anunciado medidas concretas de prevenção para o perigoso itinerário que liga Aveiro a Vilar Formoso, o PÚBLICO passa em revista as restantes “estradas da morte” portuguesas, palco de uma imensa tragédia que só em 1997 fez mais de dois mil mortos. páginas 2 a 4

Saramago em entrevista

- “Estamos em Lanzarote, estamos muito bem e não penso voltar, de facto.”
- “Eu estou cá. Mesmo quando não estou, estou.”
- “O meu partido tem suficiente bom gosto para não me pedir agora que eu participe numa campanha.”
- “Não quero que me transformem numa espécie de bola de pingue-pongue que é usada quando convém.”
- “Não assumirei o prémio Nobel como uma ‘miss’ de beleza que tem de ser exibida em toda a parte.”
- “O homem é o mesmo e continuará a escrever. Não me deitarei à sombra do prémio.”

páginas 30 e 31



Saramago e Pilar del Rio
ontem na varanda
da câmara de Lisboa

PUBLICIDADE



**TÃO
PERSONALIZADO
QUE TEM
UMA TAXA
DE JURO
SÓ PARA SI.**

Kosovo Albaneses reagem mal ao acordo

Após oito meses de crise, foi ontem assinado, em Belgrado, um acordo sobre o Kosovo, que mereceu interpretações diversas. Os albaneses contestaram o documento. A ameaça de uma intervenção da NATO não foi afastada, continuando dependente do seu cumprimento integral pela liderança sérvia. Para o terreno vão ser enviados 2000 “verificadores” da OSCE. páginas 18 e 19

Seguros Fraudes custam seis milhões de contos

As seguradoras calculam que o montante anual gasto em indemnizações indevidas atinge seis milhões de contos. Dez por cento dos sinistros participados em Portugal são fraudulentos, com o ramo automóvel a liderar as pequenas burlas e os incêndios de empresas a dominar os casos mais graves. O combate a estas situações é a principal aposta do sector para 1999, embora não seja fácil. página 40

Desporto Federações ameaçam paralisar

As federações desportivas e o Governo estão à beira da ruptura. Os responsáveis federativos garantem que o Instituto Nacional do Desporto lhes deve 1,6 milhões de contos, dizem-se fartos de ser empurrados de gabinete para gabinete e ameaçam paralisar toda a actividade federada. O Governo alega que a dívida é inferior, mas vai prometendo contrair um empréstimo para pagar. página 35

Crónica Teresa Beza fala de desigualdades

Na sua primeira crónica quinzenal para o PÚBLICO, Teresa Pizarro Beza escreve: “Ainda que em termos publicitários a frase ‘Todos Diferentes, Todos Iguais’ seja feliz, ela encerra em si a maior das contradições.” Teresa Beza é professora da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa. página 13



CULTURA

Entrevista com José Saramago, horas depois da chegada a Lisboa

“A minha casa é Lanzarote”

Alexandra Lucas Coelho

Não pensa voltar a viver em Portugal. Não será mais candidato pelo PCP. Não falará mais sobre a regionalização. Continuará a escrever e a intervir, como até aqui, quando for “necessário”. A sua autobiografia até aos 14 anos, “O Livro das Tentações”, revelará um outro José Saramago: “O pai espiritual do homem que sou é a criança que fui.” O homem que desde que é Nobel ainda não escreveu uma palavra. Nem no diário: “Era impossível.”

Vou de casa, Lanzarote, para regressar ao sangue, que é Portugal. Não lhe peçam para voltar de vez. Seria uma “chantagem sentimental”. Emocionado, viu ontem Lisboa de uma varanda. Depois dos abraços, das flores vermelhas e da conferência de imprensa, levaram-no para um jantar oficial. O seu editor anunciou que o próximo romance, “A Caverna”, sairá em Novembro de 1999. “O compromisso é teu, não meu”, respondeu-lhe Saramago, sorridente. À noite, o Nobel acolheu-se num hotel do centro de Lisboa, que é o que se faz quando se está longe de casa.

PÚBLICO — Pondera regressar a Portugal?

JOSE SARAMAGO — Vamos lá ver... Não pode ser entendido que a perfeição da minha relação com Portugal só será atingida se eu voltar a viver em Portugal. Não é razoável, e eu chamaria a isso, até, uma espécie de chantagem sentimental.

P. — Não encara essa hipótese?

R. — Não, não encaro de facto essa hipótese. Não é que não pudesse acontecer e não sei se não acontecerá um dia, enfim... No futuro imediato tenho ideias sobre o que poderá acontecer, mas num futuro remoto nunca se sabe.

P. — E o futuro imediato é Lanzarote...

R. — O futuro imediato e não só — a seguir ao imediato — é Lanzarote, onde eu sou muito querido. Eu podia estar a viver num lugar que fosse indiferente, em vários pontos da terra, por algum motivo, a viver temporariamente. Neste caso não é assim. Nós [Saramago e a mulher, Pilar del Rio] fizemos uma casa, a casa está ali, temos um jardim, temos árvores, temos uma vida feliz, uma vida tranquila, não podemos desejar nada melhor. Os amigos que vão a Lanzarote ficam encantados. Não é uma ilha para todos os gostos, há pessoas que chegam e não gostam, acham que a ilha é insuportável, que é árida, seca, que são só pedras, montanhas, vulcões, campos de lava... Quem vai à espera de árvores, de passarinhos a cantar e de regatinhos circulando por entre a erva, não encontra. Tem é uma beleza de outra natureza, uma beleza áspera, dura... aqueles basaltos, aqueles barrancos... Às vezes tenho pensado que se eu tivesse procurado uma paisagem que correspondesse a uma necessidade interior minha, creio que essa paisagem é Lanzarote.

P. — A sua casa é Lanzarote...

R. — A minha casa é Lanzarote, neste momento. Em Lisboa já nem sequer tenho casa. Durante um ano ainda a conservámos, mas agora já não. Teria todas as razões para voltar se me sentisse mal onde estou. A Pilar vivia em Sevilha e veio viver para Lisboa. Se, por acaso, ela não tivesse podido viajar para Lisboa, teria eu ido viver para Sevilha. Porque queríamos estar juntos, evidentemente. Afinal de contas, agora, nem Sevilha, nem Lisboa — estamos em Lanzarote, esta-

mos muito bem e não penso voltar, de facto.

P. — Mas também já não é porque está de mal com Portugal...

R. — Não, não. Isto de dizer que não penso voltar, nem tem sentido, porque eu estou cá. Mesmo quando não estou, estou. Estou pela memória, estou pelos amigos, estou pelos leitores, estou pelas notícias. Eu hoje [ontem], no aeroporto, dizia: esquecer-me desta terra seria o mesmo que esquecer o meu próprio sangue, e isso não se pode.

P. — Vai comprar a sua casa da aldeia da Azinhaga?

R. — Não sei, não sei, pode acontecer que sim. Mas a memória que eu quero é a memória que eu guardo dentro da minha cabeça. Há uma questão aqui: a casa que teria significado para mim, real significado, já não existe. Era a casa dos meus avós maternos, o meu avô Jerónimo e a minha avó Josefa. A casa onde eu nasci, vivi lá dois anos, apenas. Em casa dos meus avós é que eu vivi as minhas experiências.

P. — Era a casa aonde regressava nas férias...

R. — Sim, a casa dos avós de que falei no “Livro das Tentações”, como falei de tanta gente, de tios meus, dos rios que passam na minha aldeia, o rio Alonda e um pouco mais abaixo, o rio Tejo, onde se vai à pesca... tudo isso que é a vida dum rapaziño. A partir daí, não me interessa nada. Quero é recuperar, saber, reinventar a criança que eu fui. Pode parecer uma coisa um pouco tonta, um senhor nesta idade estar a pensar na criança que foi. Mas é porque eu acho que o pai da pessoa que eu sou é essa criança que eu fui. Há o pai biológico, e a mãe biológica, mas eu diria que o pai espiritual do homem que eu sou é a criança que eu fui.

P. — Quando já esperávamos “O Livro das Tentações”, anunciou que outro romance se tinha interposto, “A Caverna”. Em que fase está?

R. — Já está a ser escrito mas, enfim, está mui-

to no principio. Todos os meus romances nascem de imagens que de repente me ferem a atenção, que me atraem. Normalmente, desencadeiam-se logo três ou quatro passos no caminho que ainda falta percorrer, e que vai ser longo, evidentemente. “A Caverna” nasceu aqui há uns tantos meses, numa situação que eu depois descreverei. O livro que se devia ter seguido (até antes, ao “Ensaio sobre a Cegueira”), seria “O Livro das Tentações”, o tal que é a minha autobiografia até aos 14 anos, que é um livro cuja ideia — e algum trabalho — me acompanha desde há uma quantidade de anos.

P. — E que foi adiando...

R. — Eu não o adio, o que acontece é que ele vai sendo adiado por outros trabalhos que me aparecem. Depois, é um livro que eu acho que posso escrever em qualquer altura, precisamente porque tem a ver com um período da minha vida, portanto ela está lá, a memória funciona... Se me aparece uma ideia para um romance, eu tenho que tratar dela imediatamente, não por medo de que ela desapareça, mas pela própria urgência com que ela se impõe: “aqui estou, tens que tratar de mim”.

P. — Entretanto, como vai ser a sua acção política? Vai intervir de alguma forma na campanha da regionalização? É possível que volte a ser candidato do Partido Comunista, num lugar não elegível?

R. — Embora eu seja eleitor aqui, eu vivo lá fora, portanto, participação em campanhas não tem sentido nenhum. Além disso, eu sei perfeitamente que, se se apresentasse essa hipótese, o meu partido tem suficiente bom gosto para não me pedir — agora que eu sou prémio Nobel — que eu participe numa campanha. Porque aos olhos de toda a gente isso seria interpretado como um aproveitamento político de algo que não tem nada que ver com a política, que é o prémio. Portanto, quer o meu partido quer eu, somos dotados de suficiente bom gosto para que isso não

Este prémio Nobel vai continuar a ser quemé, participando como até aqui, com intervenções como até aqui, naquilo que considerar útil, indispensável e necessário. Não assumirei o prémio Nobel como uma “miss” de beleza que tem de ser exibida em toda a parte... não aspiro a esses tronos, nem poderia, claro...!



No aeroporto, com Pilar Del Rio: “Isto de dizer que não penso voltar, nem tem sentido, porque eu estou cá. Mesmo quando não estou, estou”

aconteça. E há outra razão: no que se refere à regionalização não estamos de acordo.

P. — Exactamente. Não podemos então esperar intervenções suas, adversas à posição do seu partido?

R. — Não, de modo nenhum. Eu tornei pública a minha posição em relação a isso, e a partir daí ponto final, não tenho mais que dizer. Aliás, já fui convidado três ou quatro vezes para participar em debates, para escrever depoimentos para jornais, e digo que não, porque não entro nisso. Também não quero que me transformem numa espécie de bola de pingue-pongue que é usada quando convém.

P. — Como vai viver o seu tempo de prémio Nobel da Literatura? Imagina-se que tenha recebido uma imensidão de convites... vamos vê-lo viajar ainda mais? Vai ter tempo para escrever?

R. — Sim, sim, vou arranjar tempo para escrever. Se o papel do prémio Nobel é ser passeado pelo mundo, ser exibido, é evidente que eu não farei isso. Este prémio Nobel vai continuar a ser quem é, participando como até aqui, com intervenções como até aqui, naquilo que considerar útil, indispensável e necessário. Não assumirei o prémio Nobel como uma “miss” de beleza que tem de ser exibida em toda a parte... não aspiro a esses tronos, nem poderia, claro...!

Mas, se o que tenho vindo a fazer até agora tem tido alguma utilidade para alguém, como voz, como crítica, como análise das circunstâncias, dos factos, da vida política, da vida social, da situação em que o mundo está, então assim continuará a ser. Pode surpreender algumas pessoas que o prémio Nobel não se limite a desfrutar das satisfações imediatas de quem ganhou, mas o que eu quero dizer é que a única coisa que muda é isso, é que antes não tinha o prémio e agora o tenho. O homem é o mesmo e continuará a escrever. Também não me deitarei à sombra do prémio.

P. — Escreveu alguma coisa desde quinta-feira, o dia do anúncio?

R. — Você escreveria?

P. — Escreveu?

R. — Já imagina que era impossível. Claro que não. Nem uma palavra. ■

“O meu sangue é de Portugal”

“MUITO OBRIGADO. Parabéns.” Foi assim que o primeiro-ministro, António Guterres, recebeu ontem à tarde José Saramago, Prémio Nobel da Literatura, no Aeroporto de Lisboa. A emoção entre ambos foi forte. As lágrimas não caíram mas por pouco, ambiente que se prolongou até ao fim do dia. A seguir, caiu-lhe nos braços a sua filha, Violante Matos. E aqui há um encontro comovente. Com lágrimas. “Porta-te bem”, segreda o escritor, “para eu me aguentar também”.

Guterres, nas primeiras declarações que fez, ao PÚBLICO, foi claro: “Sinto uma enorme gratidão e um enorme orgulho. Não quero dizer mais nada agora.” Depois, na cerimónia da sala VIP, afirmou: “Estou certo que interpreto os sentimentos dos portugueses. Parabéns, bem-vindo, bem haja Portugal”. Saramago respondeu: “Nunca saí de Portugal. Não estou naquele papel de regressar à pátria. As Canárias são um bairro da Europa. Nunca me esqueci de Portugal porque o meu país faz parte do meu sangue.” Depois de uma pausa, acrescenta: “Eu tive a sorte. Se o Aquilino Ribeiro fosse vivo, ele também ganharia. Não foi ele, mas estou muito feliz.”

Na Câmara Municipal de Lisboa, na conferência de imprensa que se seguiu à entrega das Chaves da Cidade, o PÚBLICO perguntou a José Saramago qual o português que, em vez dele, poderia ganhar o prémio. O escritor, depois de considerar que era uma das perguntas “mais malvadas” que lhe faziam, recordou que já em 1995, numa entrevista ao “Jornal de Letras Artes e Ideias” dissera que a sua eleita era a poeta Sophia de Mello Breyner Andresen.

Ao longo do dia (absolutamente) louco que viveu — como confessou ao PÚBLICO — não deixou de repetir o que antes, quando soube do anúncio, já tinha dito: “Não nasci para isto! O que ganhei e o que perdi? Os desgostos não nos poupam, as alegrias não faltam.” Garante, porém, mais uma vez:

“O prémio não alterará a minha maneira de ser. Não me imponho a ninguém.” Após o breve discurso de João Soares, o romancista confessa que “mais do que uma história de amizade, isto é um cerco a José Saramago. Vou receber as chaves da cidade, mas onde é que estão as portas da avenida? Encontro aqui a resposta: as portas que se abrem são as da vossa amizade.” A sala de honra da Câmara rejubila. Há cravos vermelhos por todo o lado.

Entre as personalidades presentes contam-se Júlio Pomar (a quem Saramago agradece a presença), Jorge Martins, Vasco Lourenço, Vasco Gonçalves, José Manuel Mendes (presidente da Associação Portuguesa de Escritores), Lídia Jorge, Vasco Graça Moura, o presidente da CGTP-IN, Carvalho da Silva, e Duarte Lima, líder da distrital de Lisboa do PSD.

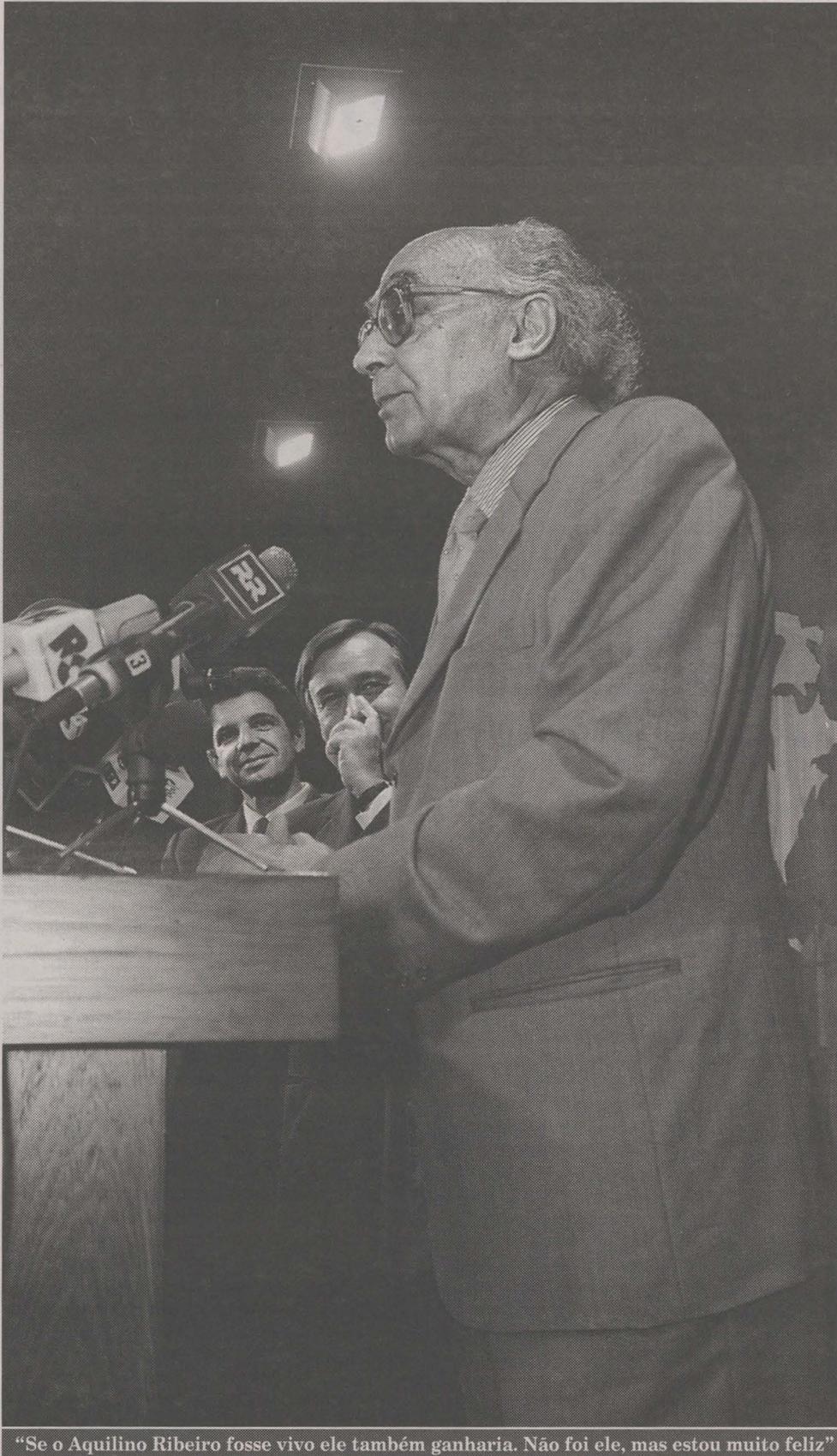
Quando João Soares lhe pede para assinar o livro de honra da cidade, o romancista, na sua letra certinha, escreve “Obrigado, Lisboa. Nem tu sabes o que me deste hoje.”

Ainda na conferência de imprensa deixou vários “recados”, que nas suas intervenções têm sido recorrentes: “Há que fazer qualquer coisa para que os nossos jovens utilizem bem a nossa língua. Agora que se voltam sobre nós atenções temos que aproveitar essa oportunidade, não só nós, Portugal, mas os PALOP e Timor, porque isso é nossa língua e a literatura portuguesa.”

Amanhã, as homenagens prosseguem: no Hotel Vitória, às 16h30, e no Centro Cultural de Belém, às 18h, com a presença de Guterres, Carrilho e o director da Biblioteca Nacional (BN), Carlos Reis. A sessão é aberta ao público. Na quinta-feira é inaugurada na BN uma exposição bibliográfica na presença do escritor, que estará no Porto sexta-feira, 16, no Encontro de Literaturas Ibero-Americanas, comissariado por Arnaldo Saraiva e Isabel Pires de Lima. ■

Carlos Câmara Leme

ADRIANO MIRANDA



“Se o Aquilino Ribeiro fosse vivo ele também ganharia. Não foi ele, mas estou muito feliz”

João Soares não foi no avião

APESAR dos planos cuidados até ao pormenor, a Câmara Municipal de Lisboa acabou por não integrar a comitiva que se deslocou a Lanzarote para trazer José Saramago a Lisboa.

O presidente da Câmara, João Soares, era o único representante da autarquia com lugar reservado na excursão governamental que ontem se deslocou à ilha espanhola, mas recusou. Para o autarca, só faria sentido integrar a comitiva se o acompanhassem os vereadores por si previstos na viagem que planeava: António Abreu e Maria Calado.

Sem lugar no Falcon governamental para esses dois responsáveis autárquicos, João Soares recusou-se a rumar às Canárias e limitou-se a esperar o Nobel da Literatura no aeroporto de Lisboa, para o conduzir aos Paços do Concelho, onde ontem lhe fez entrega das chaves da cidade.

Mas, o “resgate” do escritor em terras espanholas começou pela recusa do próprio em viajar num avião fretado pela autarquia com o apoio de patrocinadores. Isto porque a viagem pensada por João Soares, e que nada iria custar aos munícipes de Lisboa, deveria contar com o apoio económico de alguns patrocinadores, com destaque para a SIC, que desta forma conseguia o exclusivo da transmissão televisiva da viagem de regresso de Saramago a Portugal.

No entanto, a RTP e a TVI não gostaram da conversa. Protestaram e o eco chegou ao Governo, que desta forma interveio na contenda e acabou por afastar o município da organização da viagem, chamando-a a si próprio. Em vez de João Soares seguiu para Lanzarote o ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho.

Sobre a questão, não foram ontem prestados esclarecimentos por parte do executivo autárquico. António Abreu, um dos vereadores que deveria acompanhar João Soares às Canárias, recusou-se a falar sobre o assunto, afirmando que “o dia era de festa e de celebrar o Nobel da Literatura”. Ponto final. Mas fontes da Câmara não esconderam que efectivamente fora pensado recorrer a exclusivos jornalísticos para financiar a viagem, apesar de nada de concreto ter sido firmado.

Quem não encarou com bons olhos o desenrolar do folhetim foram os vereadores do PSD, que hoje prometem ir exigir esclarecimentos em reunião de Câmara, a pretexto de “uma aparente sucessão de negócios” que os preocupa.

“É lamentável transformar um acontecimento desta dimensão, que é um acontecimento cultural, património de todos, num raide de ‘marketing’ político desastroso e de mau gosto. Haja princípios. O escritor não merece isto. Salva-se a genuína e entusiástica participação do povo de Lisboa”, afirmou Paula Teixeira da Cruz, vereadora do PSD. ■ A.M.

O “Avante!” na Praça do Município

UM VISITANTE mais incauto ou desorientado que ontem à tarde passasse pela Praça do Município, em Lisboa, julgaria ter aterrado no meio da Festa do “Avante!”.

O ajuntamento de pessoas era tal que não se conseguia ver a calçada. Alguns dos presentes empunhavam cartazes e outros erguiam cravos vermelhos. Uma banda filarmónica repetia uma versão do “Cheira bem, cheira a Lisboa”. Dos altifalantes colocados na varanda dos Paços do Concelho saíam palavras que eram ditas no interior do edifício e que ecoavam pela praça, suscitando aplausos, choros e palavras de ordem.

Mas não era de um comício. O motivo de tal concentração era José Saramago, prémio No-

bel da Literatura, que chegou à Câmara de Lisboa às 18h00, para receber das mãos do presidente da autarquia as chaves da cidade.

“É um orgulho por sermos portugueses e ainda mais por sermos comunistas”, defendeu uma mulher a quem uma ironia do destino deu o nome de América Portas Vivo. Desta frase para o discurso pelos pobres e os alertas contra o fascismo foi um passo, ficando a senhora e a sua irmã Ester a recordar os tempos em que se escondiam da PIDE e Salazar era um nome condenado.

Provavelmente mais satisfeita com o nome que da família herdou, Rita Camarada, de Sintra, procurava afastar da sua frente os mais intrómetidos. Trouxera uma máquina foto-

gráfica para registar aqueles momentos e não lhe apetecia ficar com os retratos estragados. Dona de toda a colecção de livros escritos pelo autor, e todos eles autografados, Rita Camarada confessou que o “Memorial do Convento” é o livro que levaria para uma ilha deserta.

E se esta mulher ficou com as pernas a tremer e de lágrimas nos olhos quando soube que Saramago fora premiado, José Carlos Sousa, que nesse dia seguiu do Algarve para a capital, até teve de parar o carro. Com a voz embargada e quase esmigalhando o cravo que tinha nas mãos com a emoção, não se cansou de elogiar a “simplicidade, a inteligência, a nobreza e a intelectualidade” de José Saramago.

Um homem que não quis dizer o nome, porque não dá “a identificação a qualquer um”, chegou à Praça do Município às 15h30 para agradecer a Saramago este prémio, que só lamenta “não ter sido dado mais cedo por incúria do anterior Governo”. Além do romancista, aprecia “o homem e o político” que vivem em José Saramago.

Luciana Oliveira, orgulhosa conterrânea do escritor, disse ter todos os seus livros autografados. “É um de poemas que ele me deu e de onde o meu filho tira as poesias que manda às namoradas”, contou, sob o olhar embevecido das amigas Ana e Alda, que mal podiam esperar a chegada do “grande camarada”.

Manuel Fernandes, de 72 anos, também não escondia a

sua emoção. Só leu duas das suas obras — “As Memórias do Convento” (sic) e o “Evangelho segundo Jesus Cristo” —, mas o que mais aprecia em Saramago “é ele ter vindo do nada e ter mantido a sua humildade”.

Apesar dos discursantes permanecerem invisíveis, enfiados dentro dos Paços do Concelho, a multidão não deixou de acenar, ovacionar e aplaudir, enquanto gritava “Obrigado, Saramago”. Mas a verdadeira explosão de alegria deu-se quando o escritor assomou à varanda.

“Ai, parece um presidente”, comentou uma senhora, levando as mãos ao peito, no momento em que o homenageado despejava flores sobre a praça. ■

Elisabete Vilar